

“É DIFÍCIL ESTUDAR UM AUTOR COM O QUAL NÃO CONCORDAMOS”:

RESENHA DE O EXTERMINADOR DO FUTURO, DE FABRÍCIO SILVEIRA

Tiago Segabinazzi¹

Resumo

O presente texto faz uma resenha crítica do livro *O Exterminador do Futuro: Mídia, horror e política* em Nick Land, de Fabrício Silveira. Lançada em 2025, a obra examina o pensamento do filósofo britânico e suas implicações a uma possível filosofia da mídia. A temática perturbadora do autor nos convida a questionar os pressupostos teórico-metodológicos que utilizamos para lidar com o mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Aceleracionismo. Comunicação. Iluminismo sombrio. Mídia. Nick Land.

Abstract

This text presents a critical review of the book *O Exterminador do Futuro: Mídia, horror e política* in Nick Land, by Fabrício Silveira. Published in 2025, the work examines the thought of the british philosopher and its implications for a possible philosophy of media. The author's disturbing theme invites us to question the theoretical and methodological assumptions we use to deal with the contemporary world.

Keywords: Nick Land, accelerationism, media, communication, dark enlightenment.

¹ Jornalista. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Autor de *Facada News: Pós-verdade e notícias falsas no Twitter em torno do atentado a Bolsonaro* (Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021).

“Land é uma de nossas miragens. É uma das tantas ficções que contamos para nós mesmos. É o episódio que protagonizamos, enquanto campo científico institucionalizado, na série Black Mirror” (Silveira, 2025, p. 69)

Volta e meia, se nos permitirmos, temos contato com pensamentos inusitados, que emergem de algum lugar completamente estranho ou ligeiramente conhecido, mas que recusamos visitar. Ao sermos interpelados por eles, nos assustamos com a expressão do completo outro; mas se demorarmos um pouco o olhar, ele aponta para o estado de coisas que até então ignorávamos.

Há algo de alienígena em nosso tempo, entre nós. Em *O Exterminador do Futuro: Mídia, horror e política em Nick Land*, Fabrício Silveira oferece um abrangente panorama deste controverso filósofo britânico e da vasta circuitaria que o alimenta. Trata-se de um estudo de fôlego e de estômago, que se divide entre a carreira pouco ortodoxa, a obra hermética e a fortuna crítica de um pensador abjeto.

Apesar da influência – política, acadêmica e talvez até mística – que Nick Land conquistou, suas ideias são ainda insuficientemente exploradas no cenário acadêmico brasileiro, especialmente em estudos da Comunicação e das Teorias da mídia, redondezas epistêmicas em que Land faz chegar seu pensamento e de onde Silveira deriva e constrói sua argumentação. O livro, lançado pela editora Zouk, busca preencher essa lacuna.

Há múltiplas vertentes que abastecem o trabalho de Land e que resultam dele, como a literatura de horror, o pós-

estruturalismo, a teoria cibernetica, o futurismo. Dessa amalgama, percebemos um pensamento bastante singular, com influência perceptível em movimentos filosóficos recentes, como o realismo especulativo, a ontologia orientada a objetos e o aceleracionismo. É por este último que Land é mais reconhecido.

Só haveria uma forma de vencer o capitalismo: por dentro dele mesmo. Ao invés de tentar frear o processo que o alimenta, é preciso acelerá-lo, para que possa corroer a si mesmo mais depressa. É uma incógnita se Land, que se associou a movimentos neorreacionários, liberais e protofascistas, efetivamente deseja tal corrosão da máquina do capital. É essa a sua análise e a sua tese mais perturbadora, na qual não se sabe exatamente que interesses estariam envolvidos.

O caráter ambivalente da aceleração reforça os problemas da sociedade capitalista ou poderia, paradoxalmente, servir de combustível às formas progressistas de superação desse modo de vida? Essa questão fica em aberto, provavelmente porque sua resolução não é um problema para Land nem uma possibilidade de a averiguarmos. Tampouco o objetivo de Fabrício Silveira é decifrar as intenções do autor, mas propor uma incursão pelo pensamento aceleracionista e mapear as articulações possíveis ao campo da filosofia, da comunicação e da mídia.

Ainda jovem, Land se tornou professor de filosofia na Universidade de Warwick; lá, teria fundado, junto com Sadie Plant, o Cybernetic Culture Research Unit – o cultuado CCRU, departamento em que surgiram figuras como Mark Fisher e Reza Negarestani, mas que também não é reconhecido oficialmente pela própria instituição e talvez sequer tenha

existido além de uma folha impressa na porta de uma repartição.

Há aspectos curiosos, tanto na obra quanto na biografia de Nick Land: após sua primeira experiência docente, passou por uma “virada neorreacionária” (foi colaborador de Steve Bannon, estrategista político de Donald Trump) e depois reapareceu em Xangai por volta de 2010. Tais questões não são triviais. Silveira não se engaja nelas gratuitamente ou de modo sensacionalista, mas as menciona secundariamente para cotejar as implicações de suas ideias.

Há – isso é evidente – uma adesão bastante firme aos ideais de certo espectro ideológico, simbolizado por Donald Trump, gostemos ou não dele. No entanto, não se trata de uma posição acrítica e irrefletida, muito menos ingênuas. Land não compra um ‘pacote completo’, pré-pronto. E, além do mais, reconhecendo-se tal viés político, *isso não é tudo*. De forma nenhuma. A obra de Land não se reduz a isso. Não pode ser resumida ao comprometimento político que venha a suscitar ou chancelar. Ela é *também mais* do que isso. Uma das dificuldades de sua avaliação justa reside em saber lidar com esse *resíduo*, em conseguir ‘depurar’ esse *coeficiente de validade epistemológica* por baixo – ou a despeito – de seu hermetismo, de seu partidarismo e de seus endereçamentos de superfície (Silveira, 2025, p. 158)

Não foi à toa que usamos, no primeiro parágrafo, o termo “controverso”: assim como “polêmico”, é um adjetivo que normalmente vemos na imprensa como sintoma de uma análise que fica em cima do muro, juridicamente cautelosa e eticamente medíocre, quando usada para qualificar manifestações que consideramos que devem ser prontamente rejeitadas, como falas preconceituosas, gestos nazistas,

propagandas eugenistas. O uso de “controverso”, entretanto, aqui é preciso: há controvérsias, ou seja, não há consenso quanto à importância e à pertinência de Land e suas análises niilistas. Não se sabe se sua filosofia deve ser levada a sério, pois poderia ser apenas uma “trollagem”. Cogitar isso já é curioso e sintomático. É inquietante.

Mas de que forma esse jogo cênico, esse gesto esquizofrênico – um genuíno descompromisso ontológico – se justificaria? Seria essa a maior trollagem de todos os tempos – uma trollagem de proporções monumentais, algo antes nunca visto, algo tão esdrúxulo que é até difícil de conceber? Um autor superlativamente interessado em ficções teóricas, memes de Internet, vírus de computador, saberes ocultos e mensagens criptografadas, dentre tantas outras potências do falso, seria mesmo capaz de prestar-se a isso: colocar a cabeça a prêmio, mergulhando num jogo performático – e admiravelmente midiático (!) – de espelhos falsos e traições contínuas? (Silveira, 2025, p. 81)

É um acerto de Fabrício Silveira levar o inquietante a sério e não tentar, em nome de um posicionamento ético-estético-epistemológico imperativo, se livrar da inevitável tensão provocada pelo que é perturbador: ao invés de prontamente criticá-lo como abjeto, procura entender o que é razoável dentro de sua lógica perversa ou obscura. O que é possível de ser pensado se nos livrássemos das amarras cognitivas que a moral paulatinamente pôs sobre nós?

Não é à toa que Mark Fisher disse que Nick Land seria o Nietzsche de nosso tempo. É como se ele resgatasse toda perversidade do pensamento nietzschiano que foi suavizada ao longo do tempo e que explode agora com movimentos reacionários que assistimos na última década.

Ignorar esse fenômeno ou tratá-lo de forma muito distanciada, condenando categoricamente como algo anômalo que se autodestruirá, não parece ser o método mais produtivo de lidar com o problema.

No prefácio, Moysés Pinto Neto demonstra um incômodo semelhante: “como pode a extrema direita ter sequestrado o componente *dark* da nossa cultura, antes ocupado, durante várias décadas, por uma esquerda contracultural?” (p. 9). De repente, nos vemos ao lado das instituições mais tradicionais, defendendo a moralidade mínima e as regras do jogo – e há dúvidas se estamos ganhando esse jogo. Nossa modo de pensar politicamente correto, nosso apreço pelos Direitos Humanos, pela ecologia e pelo multiculturalismo – a tudo isso Land chama de “Catedral”. Que para ele seria algo patético.

O ingresso a esse pensamento incômodo inicia no preâmbulo “Uma introdução rápida, líquida e suja” (ecoando um dos trabalhos do autor) e continua pelo primeiro capítulo, “Aceleração – mídia, horror e política” – como que contradizendo a brevidade anunciada antes. Mas se trata do momento em que Silveira explica suas condições de possibilidade e nos situa sobre o panorama em que tais ideias aderem.

Em “Niilismo e política, horror e transumanismo na filosofia da mídia de Nick Land”, Silveira traz a interessante hipótese de que haveria uma “natureza medial” no pensamento do autor. Nos ambientes comunicacionais formados pelas sempre emergentes e pulsantes tecnologias digitais haveria lógicas, fluxos e linguagens, *formas*, a impulsionar a própria filosofia de Land, seu *conteúdo*.

Nick Land cria neologismos, combina e inventa expressões como quem “troca de roupas”, diz Silveira, busca implodir gêneros discursivos e operar “dentro da máquina”. Com uma escrita aforismática, o filósofo mimetiza a própria lógica dos fluxos midiáticos. Seria, segundo suas próprias palavras, a pulsão de um sistema: seu pensamento não passa mais pelo cérebro do que pelo contato de suas mãos com o teclado de um computador. Diferentemente da tradição que pensa a razão descolada de sua materialidade, essa ambiência é fundamental para produção de um saber que, por acaso ou não, se mostrou anticientífica e reacionário.

Longe, portanto, de se identificar com qualquer tipo de humanismo, Land usará tais pressupostos como credenciais para pensar os limites da outridade, que vão desde a sugestão de que os Estados devem ser administrados por CEOs ou mecanismos tecnoburocráticos até o exame da possibilidade de extinção da espécie ou mesmo de sua utilidade. Não há amarras utópicas que animem análises de conjuntura: “onde a Ilustração progressiva vê ideais políticos, o Iluminismo Sombrio vê [apenas] apetites”.

Em “Iluminismo Sombrio: a imaginação neorreacionária de Nick Land”, Fabrício Silveira busca pensar como lidar com esse autor sem estereotipá-lo e o faz de modo aberto, convidando o leitor à reflexão. Ao mesmo tempo em que a agressividade de Land nos impele a lhe evitarmos, a realidade que ele projeta sugere que nossos instrumentos de análise podem ser antiquados para lidar com as questões que até então não percebemos.

É nesse momento em que são identificadas, com mais ênfase, possíveis falhas no raciocínio de Land e em que é cotejada a hipótese de que, por vezes, o autor estaria

“trollando” seus leitores. As próprias escolhas redacionais do autor suscitariam interpretações equivocadas ou mal-entendidos – efeitos talvez até propositais, mais ou menos como as táticas de engajamento usadas em mídias sociais.

Os limites de sua filosofia aparecem também no quarto capítulo, intitulado “Desfigurando a memória de Félix Guattari (?). Controvérsias em torno de Nick Land”. Em meio a todo barulho causado pelo filósofo, não haveria grandes novidades propostas: suas ideias seriam apenas a continuação, meio redundante, da tradição crítica do pensamento ocidental pós-iluminista. Além disso, a forma de demonstração de suas teses, ainda que pudessem versar sobre efeitos práticos, se ancoraria em demasia no puramente conceitual, no abstrato inverificável ou no ficcional especulativo.

Por outro lado, ali aparece um dos temas menos convencionais, e por isso mais interessantes: a “geotraumática”, de inspiração em Deleuze e Guattari. Trata-se de uma inteligência cósmica, produzida ao longo de milênios, uma temporalidade do inumano. Apesar de, nesse momento, apresentar contrapontos de pensadores como Yuk Hui e Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski, Silveira conclui que há pouca fortuna crítica sobre Land: “como se sua má-fama tivesse viajado mais depressa que ele mesmo”.

Em “Sinofuturismo – Chimerica – Máquina do tempo” estão principalmente as ideias da “última fase” do pensamento de Land, ainda que uma separação tão categórica seja questionada. Nessa experiência chinesa ele veria um outro tipo de tempo sendo gestado, um futuro presente e em construção. A Expo Xangai 2010 teria aberto uma “fenda temporal”, pois seria o momento em que a China se abriria o

mundo justamente para mostrar que o fim da hegemonia ocidental estaria próximo.

A conclusão, “La La Land...”, reitera a dificuldade de comentar, compreender e analisar seriamente a obra de Land, especialmente se estivermos viciados demais em nossos próprios territórios epistêmicos. Há sérias dificuldades em lidar com um pensador tão ambíguo e por vezes ofensivo. Silveira o dispõe para leitura como se manejasse um material radioativo: nos oferece luvas para lidar com esse real afiado, um “númeno com dentes” – tradução livre para *Fanged noumena*, uma das obras mais experimentais de Land.

A outridade que Land busca e que vislumbramos através dele é o que normalmente chamamos de neoliberalismo, de conservadorismo, de extrema-direita, de fascismo... é o outro que reduzimos monoliticamente ao inimigo, ao feio, ao malvado. Mesmo com as desavenças entre Donald Trump e Elon Musk, entre Bolsonaro e o MBL, insistimos em usar um termo único que os englobe. Isso é sintoma do quão pouco estamos dispostos a ver nosso tempo sob seus próprios termos. Não entenderemos o contemporâneo se insistirmos em enquadrá-lo nas lentes do antigo já refutado, do conhecido condenável ou do que é confortável à moral vigente de nosso quintal epistêmico, onde qualquer nuvem escura representa um problema para nosso piquenique.

A vasta bibliografia exposta demonstra que o interesse por Land não é idiossincrático ou fruto de algum fascínio escatológico: a complexidade do autor é evidente pelas apreensões que a crítica ao seu redor tem feito. Fabrício Silveira não apenas apresenta as ideias de Nick Land, mas as submete a um exame rigoroso. Além de preencher a anunciada lacuna,

serve também como uma base sólida para futuras discussões no Brasil.

Um mundo melhor – precisamos acreditar, para além dos domínios e vícios cognitivos da Catedral – será aquele em que autores como Land, sem estigmas, tabus ou (des)assombros, sem pânico moral, possam ser tratados e venham a auxiliar, sejam quais forem seus posicionamentos circunstanciais, a encontrar saídas coletivas viáveis, menos dispendiosas e fundadas em laços sociais mais consistentes (Silveira, 2025, p. 159).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVEIRA, Fabrício. **O exterminador do futuro**: mídia, horror e política em Nick Land. Porto Alegre: Editora Zouk, 2025